

A TRAJETÓRIA DE MÉDICOS E BARBEIROS NO RIO DE JANEIRO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

RODRIGO ARAGÃO DANTAS*

aragao02@hotmail.com

Orientadora: Tânia Salgado Pimenta

Doutorando

COC/Fiocruz ano de 2013

O presente artigo visa indicar, atualizar e condensar algumas conclusões produzidas com a defesa da dissertação sobre o tema dos barbeiros-sangradores e ao mesmo tempo lança algumas indicações do inicial trabalho de doutoramento sobre a relação dos médicos com as artes de cura.

Para tanto cabe ressaltar a importância do sangrador no circuito de cura carioca do século XIX, devemos lembrar que as concepções médicas acadêmicas e da cura popular, por vezes tinham pontos de encontro, um desses casos é apresentado quando estudamos a importância que a sangria tinha enquanto meio terapêutico reconhecido por médicos e praticado por barbeiros-sangradores.

Baseada no paradigma hipocrático-galênico, segundo o qual, o corpo humano era composto por humores cujo equilíbrio em termos de quantidade e localização, contribuía para a saúde individual (LEGIBRE, 1985), a medicina acadêmica legitimava a prática da sangria como um meio terapêutico eficiente, muito embora delegasse a função da sua prática aos barbeiros-sangradores, pois a sangria era considerada um ramo da arte da cirurgia, que por sua vez, sendo uma atividade manual e que lidava diretamente com o sangue, era desvalorizada em relação à medicina, uma “arte liberal”, que eximia o médico de tocar no doente, senão para verificar o pulso. (BARRADAS, 1999) No Brasil do século XIX, essa hierarquia das artes de curar se mantinham não havendo ninguém mais apropriado para desempenhar as atividades de “sarjar, sangrar e aplicar sanguessugas e ventosas” do que os escravos e os forros.

De fato, os dados obtidos a partir da documentação da Fisicatura-Mor, órgão responsável pela regulamentação e fiscalização das artes de curar e atividades afins entre 1808 e 1828, confirmam a afirmação acerca de quem exercia a arte da sangria, apesar de não sabermos o quão significativo é o número de sangradores oficializados em relação ao total

* Doutorando da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, ano de ingresso 2013. Orientação: Tânia Salgado Pimenta.
Agência financiadora CAPES. Email aragao02@hotmail.com

que atuava no período. A análise baseada nos processos da Fisicatura-Mor a respeito da condição jurídica dos sangradores identificou que, entre os pedidos brasileiros, em 84% (que corresponde a 164 em 193 pedidos) dos casos tratava-se de forros, escravos ou Indivíduos livres que podiam ser sangradores e, na maior parte das vezes, obtinham esta habilitação antes ou junto com a de cirurgiões. No entanto, escravos e forros eram praticamente sempre sangradores, não podendo aspirar a um nível hierárquico mais alto dentro dos princípios estabelecidos pela Fisicatura-Mor. Entre os pedidos brasileiros que apresentavam a condição jurídica do suplicante 61.7% (ou seja, 101) eram escravos e 38.3% (63), forros. (PIMENTA, 1998)

À medida que a corporação médica se organizava ao longo da primeira metade do século XIX, a sangria foi sendo considerada uma operação delicada e complexa demais para escravos e forros. Isso, no entanto, não aconteceu de uma hora para outra. A figura do sangrador estava longe de representar um consenso para os médicos. Percebemos, no entanto, que mesmo com as tentativas de reprimir e desqualificar a prática da sangria por barbeiros, ou agentes de cura não pertencentes ao círculo médico oficial, estes continuavam atuando ao longo da segunda metade do século XIX.

Mesmo existindo um movimento crescente de prestígio dos médicos acadêmicos, principalmente os ligados à faculdade de medicina, o que se observou foi que a corporação médica não era coesa (EDLER, 1992), existindo vários debates e disputas, o que dificultava uma ação conjunta de repressão das artes de curas populares. Por existir discordância e disputas no interior da própria elite médica, ao propormos analisar as relações dos médicos ordinários¹, que pela sua posição social pode permitir brechas maiores de interação com os sangradores, temos um campo interessante de estudo.

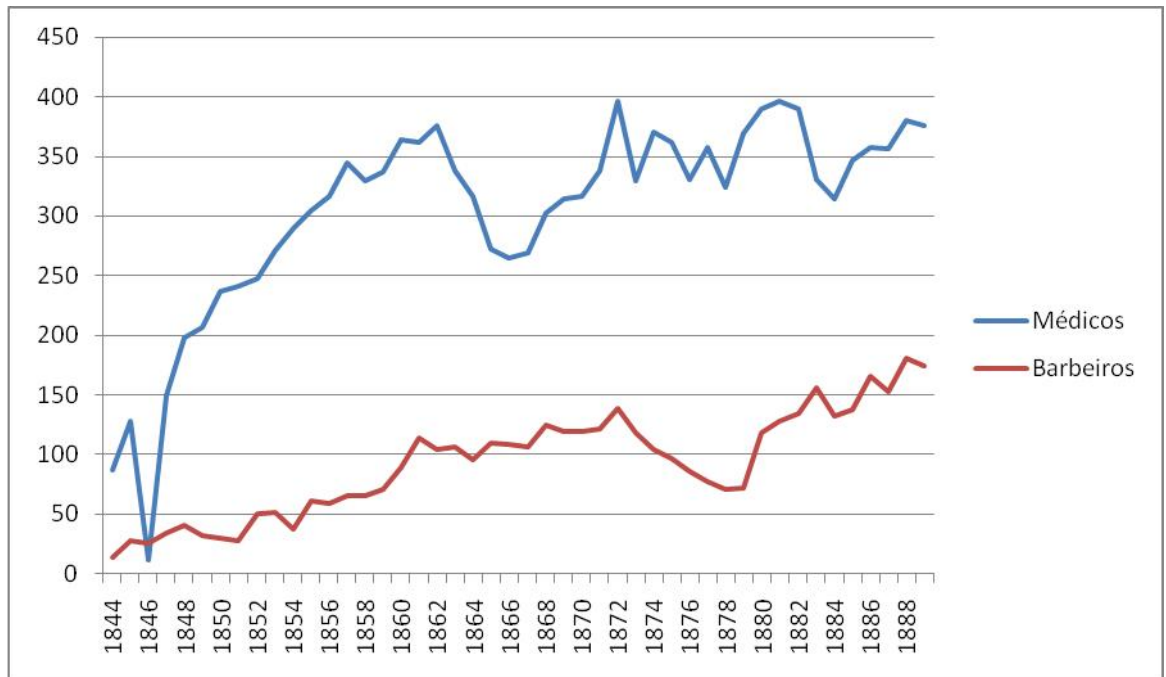
Para tal análise utilizamos como principal fonte o Almanak Laemmert. No almanaque conseguimos colher informações referente aos nomes e endereços dos sangradores e médicos que atuavam na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1844 até 1899. Com tais informações utilizamos um mapa padrão da cidade do ano de 1852 e mapeamos as áreas de atuação dos médicos e sangradores, dividindo o período em nove mapas abrangendo cinco anos cada, sempre tentando fazer uma correspondência entre os dois ofícios. Além do mapeamento quantificamos e categorizamos os números referentes aos anúncios dos ofícios citados.

¹ Entendendo médicos ordinários, como os profissionais diplomados, que praticavam a medicina, mas não eram nem professores da faculdade de medicina e nem membros titulares da Academia Imperial de Medicina

No caso dos barbeiros encontramos cerca de 2500 anúncios sendo desses, 1000 anunciantes. Observamos um aumento gradual de anunciantes no almanaque, com uma média de 93 anunciantes por ano ao longo de toda a segunda metade do século XIX. Houve também um aumento significativo de lojas de barbeiros no mesmo período. Atentamos também para o número de barbeiros anunciantes antigos e novos e o número de anunciantes que mudaram ou permaneceram no mesmo endereço entre um anúncio e outro. Quanto a este aspecto, constatamos a inserção de poucos barbeiros novos dentro de cada ano de anúncio, uma média de 24% junto com uma taxa ainda menor de 3% de barbeiros que mudavam de endereços. Esses números iniciais da análise nos indicam que além do aumento gradual das lojas de barbeiros, houve pouca variedade de mudanças de endereços e um pequeno número de barbeiros novos que anunciavam de um ano para outro. Isso nos indica uma permanência dos barbeiros e pode apontar para uma possível rede entre estes e seus clientes. Tais resultados também confirmam a importância desse ofício na sociedade carioca do século XIX e sua razoável renovação a cada ano.

Já para os médicos também encontramos um número crescente de anunciantes para os primeiros anos, mas logo esse número se estabiliza em uma média de 300 anunciantes por ano. No ano inicial de 1844 temos 87 anunciantes, número que vai aumentar até o ano de 1857, quando se registra um número de 344 médicos anunciantes. A partir dessa data até o ano final de 1889 os números se estabilizam em uma média de pouco mais de 300 anúncios por ano. Essa informação vai ao encontro dos números apresentados por Flávio Edler (1992), ao trabalhar com a quantidade de médicos atuantes na corte para a segunda metade do século XIX.

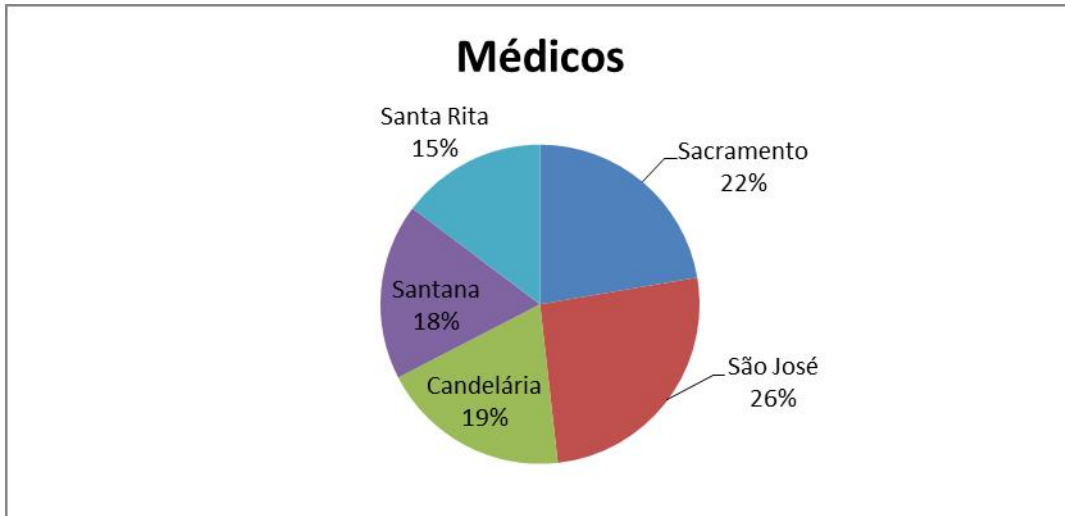
Ao cruzarmos os dados dos médicos e sangradores anunciantes, temos o número total desses anunciantes com duas características diferentes: quanto aos barbeiros, temos um aumento gradual contínuo dos anúncios até o último ano analisado, já para os médicos, esse aumento é verificado até o ano de 1857 quando há uma estabilização dos anúncios na média de 350 por ano, como mostra o gráfico abaixo. Cabe observar que os números absolutos de barbeiros e médicos só se equivalem para o segundo ano da amostragem. Nos demais anos trabalhados, o patamar de número de médicos sempre foi maior que o do número de barbeiros.



A relativa estabilidade no número de médicos anunciantes a partir de 1854 pode ser reflexo da crise da clínica médica gerada pela crescente competição por uma clientela reduzida, sendo assim, muitos recorriam a cargos públicos. Como nos indica Edler: “ afirma-se uma tendência de empobrecimento da maioria dos médicos, gerada pela crescente competição em torno da reduzida clientela de ‘ boa casa’, e aguçada pela livre atuação de outras categorias de curadores” (EDLER, 1992: 63). Como destaca o autor, a própria competição por espaços de atuação entre os médicos e os outros ofícios de curar, interferiram no modo como a profissão se inseriu e desenvolveu na corte. O fato dos barbeiros manterem uma curva de aumento das barbearias também demonstra uma permanência e competitividade, mesmo sofrendo com a desautorização política que a medicina acadêmica tentava impor.

Outra análise feita a partir dos números e endereços de barbeiros e médicos presentes no almanaque Lammert, foi à divisão espacial dos anúncios por freguesia. Com essa divisão podemos observar melhor os deslocamentos e interações espaciais entre barbeiros e médicos na cidade do Rio de Janeiro.

Gráfico 10: Distribuição de Médicos por freguesia urbana, 1844/1848

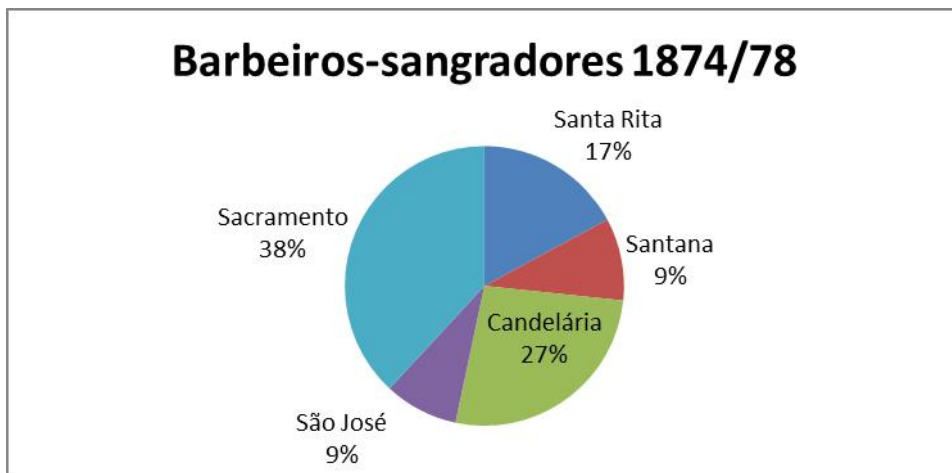


Fonte: Almanak Laemmert, Médicos- anos 1844/1848.

No gráfico apresentado o que observamos é uma divisão mais igualitária da presença dos médicos em todas as freguesias do Rio de Janeiro, sendo eles também que primeiro se deslocam para as periferias da cidade.

Já no caso dos barbeiros, existem freguesias (Sacramento e Candelária) onde a presença dos mesmos é destacada.

Gráfico 8: Distribuição de Barbeiros-sangradores por freguesia urbana, 1874/1878

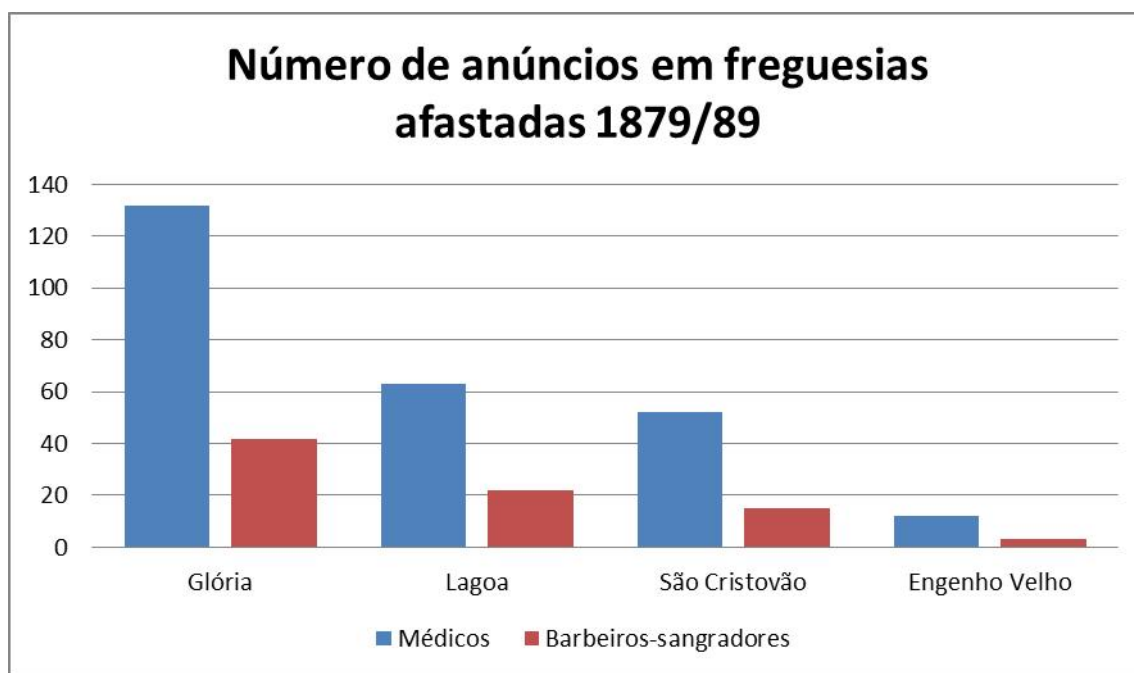


Fonte: Almanak Laemmert, Barbeiros-sagradores- anos 1874/1878

Esta grande quantidade de barbearias, que cresceu ao longo dos anos analisados, demonstrou, mais uma vez, que o poder dos médicos proveniente da institucionalização pela qual a medicina passou no período e da repressão que pretendia impor às artes de curas populares pode ser relativizado. Pois, na Corte imperial, onde os órgãos fiscalizatórios teriam

mais poder que em qualquer localidade do Império, as lojas de barbeiro, onde em geral se praticava a sangria, se expandiam na cidade, com endereços fixos e publicados em um periódico importante, sem que esse fato tivesse impacto em uma possível retração desses estabelecimentos.

Gráfico 12: Número de anúncios em freguesias afastadas do centro, 1879/1889



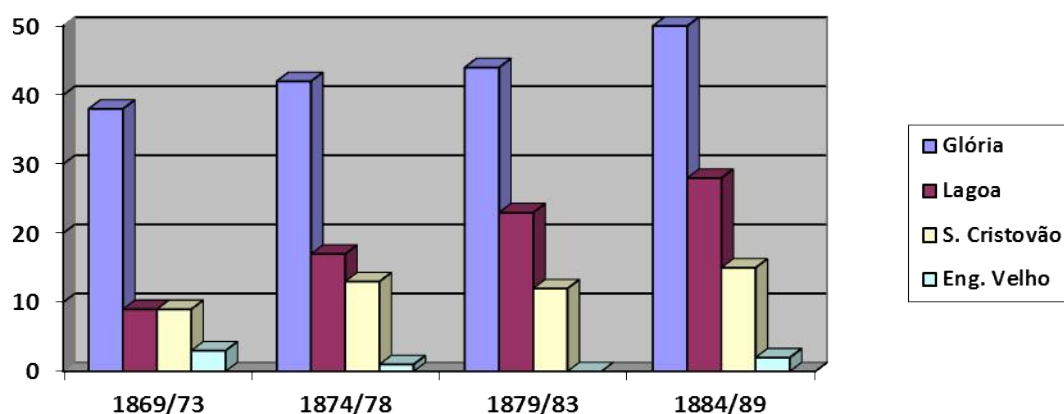
Fonte: Almanak Laemmert, Médicos e barbeiros-sangradores anos 1879/1889.

A partir do ano de 1870, tentamos observar a expansão dos anúncios de barbearias e consultas médicas para as freguesias mais afastadas, o que pode indicar um acompanhamento das classes, tanto altas como baixas, por suas respectivas expansões territoriais. Embora como observado anteriormente, conseguimos identificar que os anúncios de barbearias se espalharam por todo o centro da cidade e também se apresentaram significativamente nas freguesias afastadas ao longo dos anos, ao estudarmos mais detalhadamente essa expansão podemos inferir mais sobre as condições sociais dos barbeiros ao longo da segunda metade do século XIX.

No período que abrange o ano de 1869/1873 encontramos 38 anúncios na freguesia da Glória, 9 na Lagoa, 9 em S. Cristovão e 3 no Engenho Velho. Desses 38 anúncios na Glória, 21 eram referentes ao Catete. No período de 1874/78 temos 42 anúncios para a Glória, 17 na lagoa, 13 em S. Cristovão e 1 Engenho Velho. Em 1879/83 existem 44 anúncios para Glória, 23 Lagoa, 12 S. Cristovão e nenhum para Engenho Velho. No último período analisado temos

50 anúncios para a Glória, 28 para Lagoa, 15 para S. Cristovão e 2 para Engenho Velho. No gráfico adiante conseguimos visualizar melhor esses números e sua evolução ao longo dos períodos estudados.

Gráfico 9: Números de Barbeiros-sangradores nas freguesia da Glória, Lagoa, S. Cristovão e Eng. Velho, 1869/1889



Fonte: Almanak Laemmert, Barbeiros-sagradores- anos 1869/1889.

Através desse gráfico, observamos que a tendência geral de aumento de todos os anúncios na cidade, também foi apresentada nas freguesias periféricas. Além disso, observamos um crescimento mais acentuado nas áreas da Zona Sul, tradicionalmente dominadas por classes mais altas, em detrimento das freguesias de S. Cristovão e Engenho Velho. São Cristovão, embora tradicionalmente local escolhido pela elite para suas habitações, por ter a casa do Imperador, começou a perder prestígio para outros locais, como Lagoa e Glória. (ABREU, 1997)

Embora tenhamos observado um aumento para as freguesias periféricas referente aos anúncios de barbeiros, em relação aos anúncios totais, vemos que esses só representaram em torno de um sétimo do total, sendo a maior expansão ainda nas freguesias centrais da cidade. O que podemos analisar sócio espacialmente, é que a presença de barbeiros nas freguesias mais abastadas (Glória e Lagoa) foi significativa, embora não possamos afirmar qual a condição social dos barbeiros que atuavam nessas localidades. Decerto havia uma quantidade significativa de barbeiros atuando em áreas da cidade destinadas a classes mais altas e se

atuavam, existia demanda pelos seus serviços que poderiam ser desde cortes de cabelo até as práticas curativas como a sangria. Esses dados cartográficos/quantitativos ajudam a corroborar com a tese da escolha da população pela sua cura e mesmo as pessoas que tinham condições de pagar os médicos acadêmicos, levavam também em consideração as outras formas terapêuticas.

Além da análise dos números de barbeiros e médicos, conseguimos analisar mais especificadamente a trajetória de atuação de 13 barbeiros encontrados nas documentações do Arquivo Nacional. Nessa análise o que observamos foi a mudança de perfil de muitos desses barbeiros. Identificamos barbeiros portugueses que chegavam na cidade do Rio de Janeiro na virada da segunda metade do século e trabalhavam como prestadores de serviços, não mais no campo da cura, mas agora no campo da estética. Esta constatação se torna um elemento somativo na resolução do aparente paradoxo: aumento de barbeiros na cidade em paralelo com o aumento da institucionalização da medicina, cujos representantes pressionavam as autoridades para reprimir as práticas de cura populares. Nossa análise concluiu que um grupo desses barbeiros não praticava a sangria, portanto a fiscalização médica não era cabível e nem necessária, deixando um bom espaço para expansão dessas barbearias.

O que estamos propondo não é uma extinção da atividade curativa dos barbeiros da segunda metade do século XIX. Certamente eles existiam ainda em grande número na cidade (tanto nas lojas, quanto de forma itinerante) até pelo menos a virada do século XIX para o XX. O que chamamos atenção é para a introdução, de forma paulatina, desse novo tipo de barbeiro. Um barbeiro português, que não possuía escravos e tinha no trabalho com a estética sua forma de ofício. Esse novo grupo de barbeiros começou a surgir em decorrência das próprias modificações da cidade a partir da segunda metade do século XIX. Uma cidade que exporta seus escravos para as áreas do vale do Paraíba e continua a atrair migrantes portugueses, que tem no comércio e serviços, sua principal atividade.

O que pretendemos avançar no trabalho com a tese é a análise mais específica dos médicos, e assim conseguir traçar um perfil mais próximo da vida cotidiana, como foi feito com os barbeiros-sangradores. Ao nos debruçarmos sobre a questão dos médicos, temos um universo que abrange cerca de 9000 anúncios entre os anos de 1844 e 1889. Nosso objetivo com essa análise é destacar das sombras do anonimato os médicos ordinários, aqueles que não tinham circulavam dentro dos meios acadêmicos ou institucionais da política. Ao estudarmos o perfil cotidiano do médico ordinário, temos como hipótese que sua relação, tanto de conflito quanto de cooperação, com as artes de cura populares se dava a um nível muito mais intenso e

cotidiano. O terreno da disputa e ou cooperação diária entre as várias práticas de cura não se dava nos meios institucionais ou academicistas e sim na prática diária junto aos enfermos. São essas interações e ecos da rua, entre a medicina acadêmica e as artes populares de cura, que pretendemos analisar aprofundada mente na tese.

BIBLIOGRAFIA

Primária

- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Dutra, Caixa 475 Número 1975.
- Arquivo Nacional. Inventário de José Xavier Esteves, Caixa 4158 Número 1835.
- Arquivo Nacional. Inventário de Barnabé Antonio Dias, Caixa 4023 Número 602.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Lopes Saraiva, Caixa 4005 Número 272.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, Caixa 349 Número 5025.
- Arquivo Nacional. Inventário de Felisberto de Campos, Caixa 259 Número 6039.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Gomes, Maço 421 Número 5093.
- Arquivo Nacional. Inventário de Candido José Loivos, Maço 2386 Número 2359.
- Arquivo Nacional. Inventário de Francisco Antonio Monteiro, Maço 392 Número 3848.
- Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Rodrigues de Carvalho, Caixa 4253 Número 2423.
- Arquivo Nacional. Tomas Cochrane, Caixa 1316 Número 1851.
- Arquivo Nacional. Bento José Martins, Caixa 114 Número 1853.
- Arquivo Nacional. Mariano José de Oliveira, Maço 203 Número 170.

Almanak Laemmert- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brazil, anos de 1844 a 1889.

Secundária

- BARRADAS, Joaquim. *A arte de sangrar de cirurgiões e barbeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- CUNHA, Manuela C.. *Negros, estrangeiros - os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DANTAS, Rodrigo Aragão. *Barbeiros-sangradores: as transformações no ofício de sangrar no Rio de Janeiro (1844-1889)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2013.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, São Paulo, Livraria Martins, 1940
- EDLER, Flávio. *As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo, 1992.

- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves . *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
- GINZBURG , Carlos. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989.
- KARASCH, Mary. *Slave life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton, Princeton University Press, 1987. [*A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000].
- LEGIBRE, Arlette. “Sangrar e purgar!” em Jacques Le Goff (org.), *As doenças têm história*, Lisboa, Terramar, s/d.
- LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In. *A escrita da história: novas perspectivas*, Peter Burke, org. São Paulo: Editora UNESP, 1992
- _____. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- PIMENTA, Tânia Salgado. *Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 349-374, 1998.
- SANTOS FILHO, Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira* (1 ed. 1948), Vol. I e II, São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1976.
- SOARES, Luiz. Carlos. *O Povo de Cam na capital do Brasil*. A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: FAPERJ - Editora 7 Letra.